

## VOZES VEGETARIANAS UM COMENTÁRIO DE TOM REGAN

Não faz muito tempo, a Reuters (agência de notícias) divulgou um texto com o seguinte título: “Estudo descobre que carne contaminada e resistente a remédios é comum.”

“As bactérias perigosas na carne bovina e nas aves”, começa a reportagem, “vêm ficando mais resistentes a antibióticos devido à prática muito controversa de ministrar estes medicamentos ao gado e a outros animais de criação, de acordo com pesquisa publicada em [número recente do] *New England Journal of Medicine*. A prática de ministrar antibióticos a animais saudáveis para promover o crescimento e os lucros torna imunes a medicamentos a salmonela e organismos semelhantes, que podem às vezes provocar doenças graves, e deveria ser abandonada, segundo o editorial que acompanha o artigo.

Ou (para explicar com mais simplicidade a mesma questão): Quem for comer tome cuidado! Essa carne no seu prato pode matá-lo.

Para quem tem interesse, ainda que modesto, pela relação entre saúde e alimento, isso não é surpresa.

Há muito tempo já se sabe que uma dieta rica em gordura e colesterol (em outras palavras, baseada em alimentos de origem animal) não é boa para nós.

Há muito tempo já se sabe que a dieta baseada em alimentos de origem animal está ligada às três maiores causas de mortalidade humana: câncer, problemas cardíacos e acidentes vasculares.

*(Aliás, a quarta maior causa são as reações fatais a medicamentos receitados, que matam mais de 100.000 pessoas por ano somente nos Estados Unidos).*

A boa notícia é que cada vez mais pessoas aprendem por que adotar uma dieta baseada em alimentos animais é como brincar com fósforos num posto de gasolina.

O livro e o filme de Morgan Spurlock, *Super Size Me* [A dieta do palhaço], com todo o seu sucesso, podem ter-se concentrado no McDonald's, mas a mensagem central do filme era sobre O QUE comemos, não apenas sobre ONDE comemos.

Devido ao sucesso do livro e do filme, somado às iniciativas de muitos outros, como o livro de Erik Schlosser *Fast Food Nation* (e o filme prestes a ser lançado), dezenas de milhões de pessoas estão recebendo a mensagem: a dieta baseada em alimentos animais pode deixar as pessoas doentes a maior parte do tempo, assim como às vezes pode matar.

Talvez vocês achem que a maioria das pessoas já sabe disso. A verdade está por aí, para todos verem, há muitíssimo tempo. Por que demorou tanto para que a verdade chegasse à cultura de massas? Esta é uma pergunta interessante, que não posso investigar por completo nesta ocasião.

Aqui, vou só observar que parte da explicação (e uma parte bem grande, aliás) pode ser encontrada no fluxo constante de desinformação oferecido ao público pelo ramo propagandístico das indústrias que se aproveitam dos animais de criação.

Leia qualquer jornal ou revista. Assista a qualquer emissora de TV ou ouça qualquer programa de rádio. Pedacos de corpos mortos de animais (também chamados de "carne"), além de produtos deles tirados (leite e ovos, por exemplo), estão por toda parte na mídia, mostrados em imagens *muitíssimo favoráveis*.

Comê-los é saudável. Comê-los é gostoso. Comê-los é divertido. Comê-los é... Bem, comê-los é uma das verdadeiras bênçãos da vida.

Quando se submete a maioria das pessoas ao mesmo regime de reforço positivo, dia após dia, ano após ano, em tudo o que lêem, em tudo o que vêem, em tudo o que ouvem, do berço ao túmulo, não admira que seja preciso tempo e esforço para revelar a verdade verdadeira. A pergunta responde-se a si mesma.

Mas vamos ser honestos conosco. Nenhum de nós sempre faz o que é melhor. Na verdade, alguns de nós (e não só os irlandeses, aliás) — parece que alguns de nós adotam como profissão fazer o oposto.

Assim, embora seja verdade, e é mesmo, que a dieta baseada em alimentos de origem animal não é boa para nós, que vai contra o nosso interesse mais bem-informado, isso não significa que nós, vocês, eu e os outros, vamos parar na mesma hora de comer assim.

Ainda assim, para todo mundo é difícil levantar-se em público e gabar-se de agir com insensatez. Eu não consigo me lembrar de já ter subido no pódio para declarar: "Sim, é verdade, obrigado. Estou tentando ficar doente ou morrer comendo do jeito que como!"

É claro que os conselhos mais prudentes nos estimulam a pensar duas vezes sobre o que comemos e, em seguida, a reduzir o consumo de carne e de outros produtos de origem animal.

Não sei como alguma pessoa racional e bem informada pode questionar isso. Também não sei como algum de nós agiria de modo diferente na hora de alimentar os filhos. Se a dieta baseada em produtos animais não é boa para nós, não há como ser boa para os nossos filhos.

Qualquer pessoa sinceramente interessada em ter uma vida mais longa e saudável, ou que queira o mesmo para os seus entes queridos, fará muito bem ao examinar as muitas virtudes do vegetarianismo.

Mas mesmo que todos nós concordemos com isso, podemos não chegar ao vegetarianismo.

Por si só, a preocupação com a saúde não impõe a opção vegetariana.

Resolver comer *menos* carne, mesmo que seja *muito menos* carne (que é tudo o que a preocupação com a saúde exige) não é a mesma coisa que resolver *não comer carne nenhuma*.

A mesma conclusão aplica-se a outros argumentos pró-vegetarianos conhecidos:

Por exemplo, os que dizem que a integridade, a diversidade e a sustentabilidade do ecossistema estão sendo destruídas devido às exigências da pecuária em massa, ou que poderíamos alimentar os famintos do mundo caso comêssemos numa faixa inferior da cadeia alimentar.

Nenhum desses argumentos exige que paremos completamente de comer carne, porque nenhum deles exclui uma visita ocasional a uma churrascaria nem uma farra mensal no cocho cheio de gordura que borbulha sob os onipresentes arcos dourados do McDonald's — o símbolo universalmente mais reconhecido no mundo de hoje, por mais gente, aliás, que a cruz de Jesus ou a estrela de Davi.

Não; se há razões convincentes para ser vegetariano (sem carne nenhuma, e isso, aliás, inclui aves e peixes, nenhum dos quais é vegetal, pelo que sei) ou vegano (sem carne nenhuma e mais — ou seria melhor dizer “menos”? —, sem nenhum produto de origem animal), se há razões convincentes para viver como vegetariano ou vegano, temos de procurar outras considerações contra o consumo de carne não só na maior parte do tempo, mas durante o tempo todo.

Onde podemos encontrar estas considerações?

Esta pergunta simples tem uma resposta complexa.

Não é que essas considerações não existam.

Pelo contrário, é que as vozes mais importantes do vegetarianismo foram tão bem silenciadas que soa surpreendente para a maioria das pessoas saber há quanto tempo as principais vozes vêm falando e de quem são estas vozes.

Vou tratar destas vozes mais adiante. Primeiro, entretanto, há duas questões preliminares que precisamos ter diante de nós, duas verdades importantes que ocupam um terreno comum a todos nós, seja o que for que comamos ou não.

Em primeiro lugar, quando crianças aprendemos a comer o que nos ensinam a comer, e, em geral (nem sempre, mas em geral), o que nos ensinam a comer é a dieta predominante em nossa própria época e nossas próprias condições de vida. A comida que, desde os nossos primeiros anos, estamos “acostumados” a comer, a dieta que achamos “natural”, é uma das maneiras da nossa cultura ficar marcada em nós.

Nos países ricos, esta dieta não apenas inclui como foi montada em torno da “carne” — ou, falando de modo mais exato, do tecido muscular de animais não humanos mortos. Em outras partes do mundo, principalmente entre os pobres mas também em locais ricos (por exemplo, em várias regiões da Índia, onde os costumes religiosos impedem o consumo de carne), predomina uma dieta bem diferente, que é vista como “natural”.

Já se estimou que a dieta de uns bons dois terços da população do mundo não inclui carne, pelo menos não regularmente.

Mas não há uma dieta que seja “natural” para todos os seres humanos; em vez disso, há muitos costumes alimentares diferentes, assim como há muitos estilos de roupa e arquitetura, muitas cerimônias de casamento e ritos fúnebres diferentes.

Se a História nos ensina alguma coisa, é o seguinte: não podemos concluir que uma coisa é certa, justa, boa ou sábia só porque é comum.

Durante a maior parte da história ocidental, por exemplo, era comum negar às mulheres vários direitos e privilégios concedidos rotineiramente aos homens, e muitas minorias raciais e religiosas, por questão de costume, sofreram séculos de tratamento injusto nas mãos de uma maioria opressora.

Se o que é comum fosse um padrão adequado do que é certo e bom, seria sensato concluir que esta discriminação contra mulheres e minorias raciais era certa e boa.

Mas não é sensato concluir isso, assim como não seria sensato concluir que a Terra é plana porque, em dado momento do tempo, a maioria das pessoas acreditava que fosse.

É comum que crenças e práticas muito disseminadas acabem sendo erradas. Assim, muito embora tenha sido comum comer carne, pelo menos no mundo ocidental, e muito embora seja comum não comê-la para a maioria das pessoas vivas hoje em dia, esses fatos não levam em conta, nem sequer respondem, as perguntas sobre a moralidade de comer seja de um modo, seja de outro.

A segunda verdade importante que devemos recordar é que tendemos a ser esquizofrênicos quando se trata do modo como vemos e

tratamos os nossos animais de estimação (ou de companhia) e, por sua vez, os outros animais, especificamente os animais de criação.

Quanto aos primeiros: para a maioria de nós, os gatos, cachorros e outros bichos que dividem as suas vidas conosco são membros da nossa família, assim como os seres humanos que moram conosco, às vezes até mais.

Eles são nossos amigos e nós, amigos deles. O nosso coração sofre profundamente por eles e (esperamos) o amor que lhes devotamos é recíproco (embora no caso dos gatos a gente nunca saiba).

Que ninguém levante a mão para ameaçar ou ferir o nosso cachorro ou o nosso gato, ou se arrisca a sofrer uma represália decisiva. Talvez seja mais fácil ferir um filho nosso.

Assim é que vocês e eu não podemos duvidar da capacidade humana de sentir amor e carinho por seres que não são da nossa espécie.

Mesmo assim, para a maioria das pessoas esses laços de amor e carinho não chegam a ser um abraço universal.

Nem todos os animais encontram lugar dentro do círculo da nossa compaixão e, dentre os "de fora", os mais visíveis são (comprovadamente) aqueles que comemos.

Se esses que estão "de fora" fossem menos capazes de ter consciência do mundo, menos capazes de sentir, menos dispostos a se ligarem a nós do que os "de dentro" que moram conosco, poderíamos apontar essas diferenças e dizer: "Vejam, é por isso que desmembramos e consumimos os de fora, mas não suportaríamos que um idiota levantasse a mão contra os de dentro."

Mas é claro que os de dentro e os de fora não são diferentes nisso. No mínimo, são a mesma coisa no que diz respeito à sua consciência do mundo, à sua capacidade de sentir e à sua disposição de criar laços.

Alguns explicam esta diferença de comportamento observando que damos nomes a alguns animais enquanto outros continuam anônimos.

A filósofa americana Nel Noddings defende este ponto de vista. Ela acha que dar nome a um animal é iniciar um relacionamento pessoal que tem várias regras e regulamentos não escritos, um dos quais é "não comeremos você".

Assim, embora para mim seja errado comer Mimososa, a vaca, ou Babe, o porquinho, depois que os batizei, não há nada de errado em grelhar uma picanha ou fritar costeletas de porco vindas de estranhos (por assim dizer).

Acho que há alguma coisa certa naquilo que Noddings acredita, mas não é o que ela pensa. Acho que dar nome a um animal é um modo de selar um relacionamento especial, análogo aos ritos de batismo dos

seres humanos; um relacionamento que nos impõe deveres especiais de cuidar e proteger.

É como se eu dissesse: “Tu, a quem dei um nome: de ti devo cuidar para que tenhas sempre comida e água, calor e abrigo, companhia e outras coisas necessárias na vida.”

Num sentido bem real, na minha vida cotidiana, essas obrigações com *este* animal vêm em primeiro lugar na minha lista de obrigações para com *todos* animais.

Mas do fato de que tenho deveres especiais para ajudar ESTE animal não se depreende que NÃO FAÇO NADA DE ERRADO quando ignoro os outros animais, quando defendo que sejam prejudicados ou (especificamente) quando os desmembro e consumo seus corpos ou apóio aqueles que o fazem.

Para deixar isso mais claro, pensem numa situação humana análoga. Minha esposa e eu temos filhos, aos quais (como símbolo do nosso relacionamento íntimo) demos nomes e para com os quais temos obrigações especiais.

Num sentido bem real, na nossa vida cotidiana, as nossas obrigações para com *os nossos* filhos vêm em primeiro lugar na lista de obrigações para com *todas* as crianças.

Mas do fato de que temos deveres especiais para com NOSSOS FILHOS, não se depreende que NÃO FAZEMOS NADA DE ERRADO se ignoramos as outras crianças, se defendemos que sejam prejudicadas ou (especificamente) se as desmembramos e consumimos seus corpos ou apoiamos aqueles que o fazem.

A lógica moral de um caso é a mesma lógica moral do outro.

É verdade que a distância social ou física que nos separa dos animais de criação explica por que achamos mais fácil que outros façam o que nem sonharíamos em fazer com os nossos animais de companhia, muito menos com os nossos filhos.

Mas o fato de acharmos que uma coisa é fácil de fazer de modo algum justifica que a façamos.

Como já mencionado, há um coro de vozes vegetarianas cujos integrantes falam contra comer carne. Acho que não deveria ser surpresa que suas vozes tenham sido em boa parte silenciadas — silenciadas com tanto sucesso que comparativamente poucas pessoas sabem de quem são essas vozes.

São as vozes de Platão e Pitágoras, Porfírio e Plutarco, Sêneca e Plotino, Ovídio e Horácio, São Francisco e Leonardo da Vinci, Maimônides e Sir Thomas Moore, Byron e Shelley, Voltaire e Rousseau, Newton e Einstein, Bernard Shaw, Emerson e Thoreau, por

exemplo, e falando aqui do Brasil há as vozes de Raul Guerreiro e Alberto Lira, Henrique Adler e Aleixo Alves de Sousa, Francisco Laissue, Paulo Vassiliesse e Hildegard Bromberg Richter.

Nesta ocasião não será possível nada que se aproxime, sequer modestamente, de uma audição completa dessas muitas vozes. Especificamente, eu não poderia incluir os muitos poetas maravilhosos nem os brasileiros que mencionei (assim como os nossos contemporâneos Eder Joffre e Rita Lee), que escreveram versos imortais e deram depoimentos públicos em prol dos animais.

O máximo que posso fazer, no tempo de que dispomos, é dividir com vocês um pouco do que foi dito a favor do vegetarianismo, além das preocupações com a saúde, com o meio ambiente e outras já mencionadas, na esperança de deixar-lhes “alimento para a mente”, por assim dizer.

Um bom ponto de partida para começar a ouvir o que dizem são os “Três Ps”: Pitágoras, Porfírio e Plutarco.

Pitágoras, filósofo e matemático grego, nasceu em 570 a.C. e morreu em 490 a.C.

Todos os que aprenderam geometria plana sabem alguma coisa de Pitágoras, famoso por formular o teorema que tem o seu nome.

Mas poucos sabem que Pitágoras foi um vegetariano devotado... com uma diferença.

Embora todas as carnes ficassem de fora, nem todos os alimentos vegetais eram aceitos.

É que Pitágoras tem uma opinião estranha, alguns diriam até sinistra, sobre o feijão.

Na dieta que passou a ser conhecida como “pitagórica”, expressão sinônima de dieta vegetariana até quase o século XX, os feijões eram estritamente proibidos.

Durante quase 2.500 anos, ninguém seria vegetariano de verdade se... comesse... feijão.

Por quê? Por que esta proibição decidida contra os feijões?

Em todos os aspectos, responde Pitágoras, o feijão não é para consumo humano.

Quanto à prova, esta é sempre a mesma. Sabemos que o feijão não é bom para o nosso corpo, não é bom para a nossa mente, não é bom para a nossa alma, devido à sua notável ligação com a... flatulência.

Com certeza, raciocina Pitágoras, deve haver *alguma coisa* errada no feijão para que ele provoque esse tipo de distúrbio audível.

Quando o poeta Robert Browning escreve [com sarcasmo] sobre um amigo: “o que [mais] o comovia era (...) um certo prato de feijão”, acrescenta a sua voz à verdadeira tradição vegetariana/pitagórica: ninguém ficaria comovido *daquele* jeito se simplesmente se abstinésse de comer aqueles horríveis feijões.

O texto vegetariano clássico de Pitágoras intitula-se “Do consumo da carne”. Os que conhecem esta obra sabem que, nela, Pitágoras defende a transmigração das almas.

De acordo com Pitágoras, os animais não humanos são seres humanos reencarnados.

As vacas e porcos podem parecer-se com vacas e porcos mas, para dizer a verdade, são realmente seres humanos *vestidos* (por assim dizer) como vacas e porcos, pelo menos por algum tempo.

Portanto, a justiça e a compaixão demonstradas a vacas e porcos são justiça e compaixão demonstradas a seres humanos (apesar de toda a aparência contrária).

Não é preciso dizer que os ensinamentos de Pitágoras sobre a transmigração das almas não teve boa aceitação na ortodoxia do judaísmo e do cristianismo.

Em nenhuma destas tradições os seres humanos, apesar de serem animais, são rebaixados (nem mesmo temporariamente) à condição dos outros animais.

Se tudo tivesse tido diferente, se a idéia da transmigração de almas se mantivesse e configurasse a nossa tradição religiosa predominante no Ocidente, quem sabe o vegetarianismo pitagórico viria a tornar-se a ortodoxia dietética do nosso mundo — com a conseqüência, é preciso notar, de que os vegetarianos de hoje não comeriam tantos e tão diferentes tipos de feijão, e deixam a outros a tarefa de estimar com que benefício para a camada de ozônio.

Quanto ao neo-platonista grego Porfírio (233-306 d.C.), ele adota um ponto de vista mais moderno em sua obra clássica “Da abstinência”.

A razão pela qual Porfírio escreve “Da abstinência” é interessante. Um amigo se convertera ao cristianismo e depois disso (preciso acrescentar?) abandonou alegremente o vegetarianismo.

Em “Da abstinência”, Porfírio tenta convencer o amigo a voltar ao rebanho vegetariano.

Ele defende que os animais não humanos merecem consideração moral devido àquilo que são (criaturas sencientes), não devido ao que não são (seres humanos aprisionados em corpos de animais).

Assim como acontecia com Pitágoras, Porfírio acredita que os seres humanos não são comedores de carne por natureza.

E Porfírio (isso também é verdadeiro no caso de Pitágoras) fica desesperado com a impossibilidade de converter os seus contemporâneos ao vegetarianismo.

Tentar converter comedores de carne ao vegetarianismo, escreve ele, é como “falar com barrigas que não têm ouvidos”.

“Falar com barrigas que não têm ouvidos”.

Todos os vegetarianos entendem isso muito bem.

Uma coisa que não encontraremos entre os que escrevem sobre vegetarianismo hoje em dia é este notável trechinho especulativo de Porfírio sobre o “primeiro homem” — o primeiro ser humano que, seja qual for a razão, pegou um pedaço do corpo de um animal para comer.

O que mais espanta, pensa Porfírio, não é que pessoas como ele optem por não comer carne - não comer partes do corpo morto e putrescente de alguém (que na verdade é o que a “carne” é) - mas que alguém (o primeiro homem) tenha optado por isso. Porfírio escreve:

“Quanto a mim (...) pergunto-me por que acidente e em que estado da alma ou da mente o primeiro homem que o fez tocou o sangue com sua boca e levou os seus lábios à carne de uma criatura morta, aquele que pôs à mesa corpos mortos e fétidos e aventurou-se a chamar de alimento e nutrição os pedaços que um pouco antes bramiam e gritavam, moviam-se e viviam. Como puderam seus olhos suportar o massacre de se cortarem gargantas, de se esfolar o couro, de se arrancar um membro de outro membro? Como pôde o seu nariz agüentar o fedor? Como é que a imundície não causou repulsa ao paladar daquele que fez contato com as feridas de outros e sugou fluidos e soros de ferimentos mortais? (...) É o homem que deu início a essas práticas que deveríamos buscar, não aquele que desistiu tarde demais.”

“Desistiu tarde demais”... Como isso é verdade para a maioria de nós, que comemos carne durante muitos anos antes de nos tornarmos vegetarianos ou veganos.

E quanto ao ensaísta romano Plutarco (56-120 d.C.), que escreveu “Do consumo de carne”, pode-se creditar a ele a redação das frases mais eloqüentes jamais escritas em nome do vegetarianismo:

“Mas, em prol de algum bocadinho de carne”, escreve ele, privamos uma criatura inocente “do sol e da luz, e daquela porção de vida e tempo que ela veio ao mundo para gozar”.

Famoso pelas biografias de estadistas gregos e romanos, Plutarco poderia ter pretensões à imortalidade com base apenas na eloquência atordoante desta única frase.

A voz de Gandhi se fará ouvir no coro do vegetarianismo.

Gandhi foi criado como vegetariano e, com exceção de alguns pedaços ilícitos de carne na juventude, foi vegetariano a vida toda.

No entanto, só quando foi para Londres e estudou Direito é que desenvolveu as suas razões pessoais para viver como vivia.

O seu pensamento é simples.

- Em nossa vida, devemos nos esforçar para causar o mínimo de mal.
- Quando comemos carne, somos cúmplices de um mal maior do que quando não comemos carne.
- Portanto, devíamos parar de comer carne.

É possível discordar de até onde vai o pensamento de Gandhi, mas não há como negar o desafio apresentado.

Gandhi aprendeu muito nos anos em que esteve em Londres.

Por exemplo, vejamos as palavras que disse em seu discurso de 1931 na Sociedade Vegetariana de Londres:

“Há quarenta anos eu costumava misturar-me livremente com o vegetarianismo. Naquela época dificilmente haveria em Londres um restaurante vegetariano que eu não tivesse visitado. Eu fazia questão, por curiosidade, de visitar todos eles. Portanto, entrei naturalmente em contato com muitos vegetarianos. Descobri nas mesas [conta ele com tristeza] que a conversa girava principalmente em torno de comida e doença... nada além de comida e nada além de doença.”

É claro que, se Gandhi estivesse vivo hoje, veria como os tempos mudaram.

Hoje, à mesa, os vegetarianos não falam apenas de comida e doença.

Hoje falamos de comida e doenças degenerativas.

A voz de Gandhi, na minha opinião, deveria ser ouvida.

Quem, entre os veganos purificados aqui reunidos, ousaria sugerir que a virtude da nossa vida está no mesmo nível da do Mahatma?

Quem aí levanta a mão?

Então, quando Gandhi declara “se alguém disser que eu morreria se não comesse bife ou carneiro, mesmo por ordem médica, eu preferiria a morte”, os veganos de hoje suspirariam numa só voz com admiração e solidariedade e murmurariam juntos “Gandhi era ou não era um vegano de princípios?”

Mas é bom lembrarmos que, apenas poucas linhas antes, este mesmo homem, disposto a enfrentar destemido a morte em vez de comer bife ou carneiro, afirma: “Abriria mão do leite se pudesse, mas não posso, fiz esta experiência incontáveis vezes. Não consegui, depois de passar muito mal, recuperar minhas forças a menos que voltasse ao leite.”

Gandhi não estava satisfeito com o leite em sua alimentação. Dele, diz: “Foi a tragédia da minha vida”.

Felizmente para ele, isso foi antes dos grupos de discussão vegana na internet.

Imaginem a avalanche ridícula e virtuosa que ele enfrentaria, cuja lógica parece ser: “se o senhor não é perfeito, Sr. Gandhi, o senhor não presta mesmo.”

Então, sim, a voz de Gandhi precisa ser ouvida, não só devido ao bem que fez e ao bem que representa como também devido à profunda consciência das suas limitações morais, como quando nos recorda que, em suas palavras, “todos nós devemos errar”.

Numa linha semelhante, Ralph Waldo Emerson lembra aos comedores de carne de todo o mundo a responsabilidade que carregam.

“Acabastes de jantar e, por mais escrupulosamente que escondais o matadouro na agradável distância de milhas, há cumplicidade.”

Entendo que Emerson quis dizer: o sangue de animais inocentes está nas mãos de todos os comedores de carne, quer queiram, quer não admitir isso.

Acho que outra voz essencial é a de Shelley, imortal poeta romântico inglês; é dele a voz intransigente do vegetarianismo, do ateísmo e do amor livre (não necessariamente nesta ordem).

“É somente ao suavizar e disfarçar a carne morta com a preparação culinária”, escreve Shelley em sua “Justificativa da dieta natural”, “que [a carne] se torna suscetível de mastigação e digestão; e que a visão dos seus fluidos ensangüentados e puro horror não provoca nojo e repulsa.”

Palavras fortes. Não há como negar isso. Mas não são as mais fortes neste contexto, penso eu. Esta honra vai (por boa margem, na minha opinião) para o escritor francês do século XX e vencedor do Prêmio Nobel Romain Rolland.

O importante romance em dez volumes de Rolland, *Jean-Christophe*, conta a história de um músico e compositor que se afasta do mundo e reflete sobre os seus muitos males. Não é um romance cômico. Está cheio até a borda daquilo que Rolland acredita ser a pior tragédia do mundo: a chacina de animais para comer. Escreve Rolland:

“Com toda a veemência de sua (...) natureza, [Christophe] sondou as profundezas da tragédia do universo: ele sofria todo o sofrimento do mundo e ficara ensangüentado, em carne viva. Não conseguia pensar nos animais sem tremer de angústia. Olhava os olhos dos bichos e via uma alma como a sua, uma alma que não sabia falar; mas os olhos gritavam por ela:

“O que te fiz? Por que me feres?”

“Ele não suportava ver as coisas mais ordinárias que vira centenas de vezes — um bezerro chorando num cercado, com os olhos grandes e esbugalhados, de branco azulado e pálpebras rosadas, e pestanas brancas, os tufo de pelo branco e encaracolado na testa, o focinho arroxeadado, as pernas ainda trêmulas; — um cordeirinho sendo carregado por um camponês com as quatro patas amarradas, de cabeça para baixo, tentando manter a cabeça levantada, gemendo como uma criança, balindo e esticando a língua cinzenta; — aves amontoadas num cesto; — os guinchos distantes de um porco sendo sangrado; — um peixe a ser limpo na mesa da cozinha... As torturas inomináveis que os homens infligem a estas criaturas inocentes faziam doer o seu coração. “Concedei aos animais”, escreve Rolland, “concedei aos animais um vislumbre de razão, imaginai que pesadelo apavorante é, para eles, o mundo: um sonho de homens de sangue frio, cegos e surdos, que lhes cortam a garganta, abrem-lhes o peito, evisceram-nos, cortam-nos em pedaços, cozinham-nos vivos, às vezes rindo-se deles e de suas contorções enquanto padecem em agonia. Há coisa mais atroz entre os canibais (...)? Para um homem cuja mente é livre há algo de mais intolerável no sofrimento dos animais do que no sofrimento dos homens. Afinal, no caso destes últimos pelo menos se admite que o sofrimento é cruel e que o homem que o causa é um criminoso. Mas milhares de animais são abatidos inutilmente todos os dias sem sombra de remorso. Se algum homem se referisse a isso, seria considerado ridículo — e este é um crime imperdoável. Esta, sozinha, é a justificativa de tudo o que os homens sofrem. Exige a vingança de deus. Se existe um deus bom, então até a mais humilde das coisas vivas deveria ser salva. Se deus é bom somente com os fortes, se não há justiça para os fracos e os inferiores, para as pobres criaturas que são oferecidas em sacrifício à humanidade, então não existe esta tal bondade, esta tal justiça...”

No meu pensamento, não há palavras mais poderosas, mais reveladoras, mais penetrantes do que estas em toda a literatura do século sobre vegetarianismo. *Minha própria alma sangra quando as leio, uma adaga semântica enfiada no coração de tudo o que é decente.* O triste disso é que as palavras de Rolland, como as dos outros já citados, são tão pouco conhecidas, tão pouco ouvidas.

Melhor (ou talvez eu devesse dizer pior) do que as palavras é a realidade; neste caso, a realidade do massacre.

O filósofo Marti Kheel recomenda ver a morte em pessoa em vez de ler filósofos que escrevem sobre as suas teorias prediletas.

A minha própria opinião é um pouco diferente. A minha própria opinião é que pessoas diferentes reagem a oportunidades diferentes. As teorias atingem alguns. Ver o massacre em pessoa atinge outros. Leão Tolstói, um dos maiores romancistas do mundo, mais famoso pelo seu épico *Guerra e paz*, está entre esses últimos. Não é nada santo este homem. Quem tiver dúvidas a respeito que pergunte à mulher dele; isso basta.

Como outros, Tolstói lamenta os que “olham e não vêem; ouvem e não escutam.” “Não existe”, escreve ele, “mau cheiro, som, monstruosidade aos quais o homem não consiga se acostumar a ponto de deixar” de ver, escutar e cheirar a aparência, o som e o odor do mal.

Tolstói ouvira todas as razões antigas e conhecidas pelas quais matar animais para comer é aceitável e até natural. Deus o permite. O costume o sanciona. Seja o que for. Enfiar animais pela nossa goela é bom. Tolstói não pensa assim.

Tolstói fez uma coisa que poucos de nós fizemos. Como recomenda Marti Kheel, ele foi diretamente à fonte do mal: visitou um matadouro. O cenário é a Rússia, a época, final do século XIX. “A princípio”, escreve ele, “senti vergonha (...) Ver com os meus próprios olhos a realidade da pergunta levantada quando se discute o vegetarianismo (...) Assim como todos sempre ficam envergonhados ao espiar um sofrimento que (...) não se pode evitar.”

Uma vez no matadouro, Tolstói encontra trabalhadores que não gostam do seu serviço. Um açougueiro admite que comer carne não é necessário, mas [diz ele] “o que posso fazer? Preciso ganhar meu pão.” Outro fica perturbado, “principalmente quando [os animais] são gado tranqüilo, domesticado. Vêm, coitados, confiando em nós. É de dar muita pena.”

Depois de observar horrorizado os animais maiores encontrarem o seu fim, Tolstói conta então que entrou “no compartimento onde os animais pequenos são abatidos — uma câmara com piso de asfalto e mesas com encosto, nas quais ovelhas e bezerros são mortos. Aqui o trabalho já quase terminou; na longa sala, já impregnada com o cheiro de sangue, só havia dois açougueiros. Um soprava a perna de um carneiro morto e batia no estômago inchado com a mão; o outro, um rapaz de avental emplastrado de sangue, fumava um cigarro torto. Não havia ninguém mais na câmara comprida e escura, cheia de um

odor pesado. Depois de mim entrou um homem, aparentemente um ex-soldado, trazendo um jovem carneiro de um ano, preto com uma marca branca no pescoço, de patas amarradas. Este animal ele o pôs sobre uma das mesas, como se numa cama. O soldado velho saudou os açougueiros, que evidentemente conhecia, e começou a perguntar quando o seu patrão lhes permitiria ir embora. O camarada com o cigarro aproximou-se com o facão, afiou-o na borda da mesa e respondeu que estavam de folga nos feriados. O carneiro vivo estava ali deitado tão silencioso quanto o morto e inflado, a não ser por sacudir nervosamente o rabo curto e os lados a se alçarem com mais rapidez que de costume. O soldado baixou gentilmente, sem esforço, a sua cabeça levantada; o açougueiro, sem parar de conversar, agarrou com a mão esquerda a cabeça do carneiro e cortou-lhe a garganta. O animal tremeu e o rabinho endureceu e parou de abanar. O camarada, enquanto esperava o sangue correr, começou a reacender o seu cigarro, que se apagara. O sangue corria e o carneiro começou a agonizar. A conversa continuou sem a mínima interrupção. Era”, conclui Tolstói, “era horrivelmente revoltante.”

Para nós, hoje, seria um alívio descobrir que os matadouros de agora são menos “revoltantes” que aquele que Tolstói descreve. A verdade é bem outra, como documenta Gail Eisnitz em seu livro sobre a indústria americana do abate em geral, e do abate de porcos em particular.

O abate de porcos constitui uma variação do tema principal do setor de embalagem de carne. Os porcos são levados por um corredor estreito onde o “atordoador” lhes dá um choque elétrico que, supostamente, deixa-os inconscientes. Então são presos a correntes pelas pernas traseiras, pendurados de cabeça para baixo e colocados numa esteira rolante onde encontram o “perfurador”, cujo trabalho é cortar a garganta dos animais. Depois de sangrar até a morte, os porcos são mergulhados num tanque de água fervente e depois eviscerados, sem que nunca recuperem a consciência. Pelo menos é assim que as coisas deveriam funcionar na teoria. Na prática, como Eisnitz descobriu depois de conversar com trabalhadores, o verdadeiro abate de porcos não combina com a teoria.

O exemplo seguinte é bem típico. Donny Tice e Alec Wainwright [para proteger as suas fontes, Eisnitz mudou os seus nomes] foram entrevistados. Numa conversa anterior, Tice descrevera algumas coisas que fazia com os porcos. Agora era a vez de Wainwright. Escreve Eisnitz: “Mal saído da adolescência, Wainwright já trabalhava há dois anos como perfurador diurno.

“Wainwright falou das mesmas brincadeiras de Tice — o operador da pistola não atordoava direito os animais, de propósito, para que Wainwright tivesse dificuldade para perfurá-los.

“— Às vezes — disse ele, — quando a esteira pára um pouco e temos tempo de sacanear o porco, não atordoamos ele direito. Ele começa a se apavorar e fica maluco. Fica lá sentado, gritando.

“Outras vezes, quando um porco se soltava do cercado, [Wainwright] e seus colegas corriam atrás dele até o tanque de escaldamento e o obrigavam a pular lá dentro. — Quando isso acontece — declarou, — dizemos ao encarregado que ele pulou lá por acidente.

“Wainwright pouco acrescentou ao que Tice já me contara, mas confirmou as declarações de Tice sobre crueldade gratuita com os animais. E enquanto a confissão de Tice parecera ao mesmo tempo dolorida e catártica para ele, Wainwright, ao me contar as suas atrocidades com os porcos já condenados, ria-se de prazer, como um garoto contando uma travessura de escola.

“— Por que vocês fazem isso? — perguntei.

“— Porque é legal de fazer — disse Wainwright. — É que nem quando o ajudante pega um pau e baixa a lenha nos porcos do cercado. É engraçado. Também faço isso.

“— Com que frequência você faz isso?

“— Não sei — respondeu. (...)”

“Baixar a lenha” num animal e achar isso “engraçado” ilustra as profundezas de crueldade a que um homem pode chegar. Talvez Eisnitz esteja certa ao considerar trabalhadores como Tice e Wainwright, e não só os porcos que vão para o abate, como vítimas do sistema de morte mecanizada que define as atividades cotidianas dos 2.700 matadouros dos Estados Unidos. Seríamos extremamente ingênuos se achássemos que as coisas são melhores nos abatedouros do Brasil.

Recordem as palavras marcantes de Emerson: “Acabastes de jantar e, por mais escrupulosamente que escondais o matadouro na agradável distância de milhas, há cumplicidade.”

Por que a imensa maioria das pessoas dos nossos países apóia ativamente o abate de animais (agora mais de dez *bilhões* por ano, só nos Estados Unidos; mais de 50 bilhões por ano no mundo todo; 950.000 por minuto, 16.000 por segundo, mais de cinco milhões e meio durante o tempo que levei para ler essas palavras — mais de *cinco milhões e meio*).

Como é possível que a maioria das pessoas dos nossos países apóie uma prática (a destruição violenta de animais vivos) da qual a maioria não gostaria nem conseguiria participar em pessoa, uma prática que a maioria (desde que a vejam ou que lhes descrevam) acha, nas palavras de Tolstói, “horripelmente revoltante”?

Já mencionei várias razões nesta apresentação. Por exemplo, o papel do costume na configuração da dieta que as pessoas acham “normal” e o papel do dinheiro gasto pela indústria da agressão aos animais de criação. Aqui acrescento uma consideração final, para consideração de vocês.

Como observa Carol Adams, o modo como falamos daquilo que fazemos aos animais pretende, por si só, negar que o façamos. Ela escreve: “ ‘Alguém mata e corta animais para que eu possa comer os seus cadáveres como carne’ torna-se ‘animais são mortos e cortados para serem comidos como carne’ e depois ‘animais cortados como carne’ e, finalmente, ‘animais de corte’ e, portanto ‘carne’. Uma coisa que fazemos aos animais (...) torna-se, pelo contrário, uma coisa que pertence à natureza dos animais e assim perdemos inteiramente a consciência do nosso papel.”

Sim, muita gente faz isso: “Perde inteiramente a consciência do seu papel”.

Tolstói não foi um deles.

Tolstói coloca a decisão de ser vegetariano dentro da ótica mais ampla da decisão de assumir o controle da própria vida — a decisão de viver sem matar outros seres vivos que sentem.

“\_ O que, então, quero dizer?”, pergunta ele. “— Que para serem virtuosas as pessoas devem parar de comer carne? De modo algum.

“Só quero dizer que, para ter uma boa vida, é indispensável uma certa ordem de boas ações; que se a aspiração de um homem a viver uma boa vida é séria, então segue-se inevitavelmente uma seqüência definida; e que nesta seqüência a primeira virtude que um homem deve se esforçar para ter é o autocontrole, a moderação. E na busca do autocontrole o homem seguirá inevitavelmente uma seqüência definida; e nesta seqüência a primeira coisa será o autocontrole na alimentação — o jejum. E no jejum, se ele estiver real e seriamente buscando viver uma boa vida, a primeira coisa de que se absterá serão sempre os alimentos de origem animal (...) porque isso envolve a realização de um ato que é contrário aos sentimentos morais — [o ato de] matar; [ato que] só é exigido pela ganância e pelo desejo de comida saborosa.”

Tolstói está certo? Podemos desenvolver a sensação de controlar e dirigir a nossa vida dando este primeiro passo? Será isso coisa em que valha a pena pensar, coisa que nós mesmos devamos tentar, se já não tentamos?

Acho que vocês conhecem a minha posição e também sabem um pouco por que ajo assim. É por causa de tudo o que aprendi com

Porfírio e Plutarco, Shelley e Emerson, Rolland, Gandhi e os outros que mencionei pelo caminho.

“Não faço nenhuma declaração exagerada nem fantasiosa em prol do vegetarianismo”, escreve Henry Salt, humanitarista inglês. “Ele não é, como afirmaram alguns, uma panacéia dos males humanos; é algo bem mais racional, parte essencial do moderno movimento humanitário, que não pode ter verdadeiro avanço sem ele. O vegetarianismo é a dieta do futuro, assim como a carne é a dieta do passado. Naquele contraste espantoso e comum, uma loja de frutas ao lado de um açougue, temos uma lição objetiva e importantíssima. Ali, de um lado, estão as barbaridades do costume selvagem — as carcaças sem cabeça, endurecidas numa horrenda imitação de vida, as articulações e postas e nacos de carne com seu odor nauseante, o barulho raspado e pungente do serrote de ossos e a pancada surda da machadinha — um protesto perpétuo a gritar contra os horrores da ingestão de carne. E, como se isso não fosse testemunho suficiente, ali, bem ao lado, está um tesouro de frutas douradas, uma visão de deixar feliz o poeta, o único alimento que é inteiramente agradável à estrutura física e aos instintos naturais da humanidade, que pode satisfazer as mais elevadas aspirações humanas. Podemos duvidar, quando fitamos este contraste, quaisquer que sejam os passos imediatos que seja preciso dar pouco a pouco, quaisquer que sejam as dificuldades a superar, que o caminho do avanço da barbárie para a humanidade na dieta está diante de nós, claro e inconfundível?”

Realmente, quem pode duvidar?

E para que não me acusem (no encerramento) de demasiada desconsideração com os grandes poetas que falaram a favor dos animais, que todos nós tiremos forças dessas palavras estimulantes escritas por Ella Wheeler Wilcox:

São tantos deuses, são tantas crenças,  
Tantos caminhos, tão sinuosos,  
Mas só a arte de ser bondosos  
É que nos falta em nosso planeta.  
Eu sou a voz dos que não têm voz;  
Por mim os mudos hão de falar;  
Até o mundo tão surdo ouvir  
O grito dos fracos, dos sem lugar.  
Das ruas, das gaiolas, dos cercados,  
Das selvas e estábulos, os gemidos  
Vindos dos meus irmãos revelam o crime

Dos poderosos contra os desvalidos  
É o amor a genuína religião,  
E a mais sublime lei é o amor;  
E o toque do tempo fará morrer  
Tudo o que se criar no desamor.  
Que se envergonhem as mães mortais  
Que jamais pensaram em ensinar  
A tristeza que há nos olhos mudos,  
A tristeza que não pode falar.  
Seja o pardal, homem — rei — que seja  
Foram criados por um poder apenas;  
O deus do todo, alma viva concedeu  
A tudo o que tem pelo e que tem penas  
E sou o protetor do meu irmão,  
E seu combate, este eu vou travar;  
De bicho e ave, as palavras eu direi  
Até que o mundo venha a se aprumar.  
Sim, somos a voz dos que não têm voz;  
Por nós, os mudos hão de falar;  
Até o mundo tão surdo ouvir  
O grito dos fracos, dos sem lugar.  
Obrigado.

---

Fonte: Palestra preparada por Tom Regan, autor do livro "*Jaulas Vazias*", para o 1º Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-Americano em São Paulo, 2006

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.